

AÇÕES REPRESENTATIVAS LGBTQIAP+: ESPAÇO E CONHECIMENTO

Coordenadora: Meryene de Carvalho Teixeira

Membros da equipe: Jessica Sousa Alves, Jefferson Luiz Gomides e Renata Aparecida Pereira

Campus: Bambuí.

Área Temática: Direitos Humanos e Justiça

RESUMO

Números alarmantes como 329 mortes violentas de LGBT+ em 2019 e aumento nos casos de suicídio atestam que a homo-lesbo-transfobia cresce no país. Além disso, esse preconceito acontece por meio de violência não apenas física, mas institucional, psicológica e sexual, culminando em baixo índice escolar e alta taxa de desemprego dessa população. Quem sofre discriminação muitas vezes não possui um lugar de representatividade e apoio. Para dar voz e vez a estes, criou-se o Núcleo de Estudos em Gênero e Sexualidade-NEGeS no IFMG-*campus* Bambuí, com objetivo de abrir espaço para diálogos, oportunidades e fortalecimento por meio de reuniões online, bem como criar representatividade nas redes sociais do *campus* para uma luta em prol à diminuição da LGBTQIAP+fobia. Acredita-se que o conhecimento é uma parcela importante para minimizar esse preconceito. Reuniões virtuais com pautas “O que é gênero e sexualidade?” e “Cultura LGBTQIAP+”, trouxeram o histórico das atividades promovidas dentro do *campus* observando que tais assuntos foram abordados apenas no mês específico. Uma roda de conversa no Dia da Visibilidade Trans trouxe a importância do conhecimento e respeito ao Movimento Trans. A representação nas redes do campus foi iniciada com a publicação de um texto acerca desse Movimento. O Dia Internacional contra a Homofobia e a Transfobia foi tema para uma reunião rica em conhecimentos e interação entre os participantes. Os eventos contaram com público interno e externo ao campus, alcançando um dos objetivos do NEGeS.

Palavras-chave: gênero, sexualidade, NEGeS.

INTRODUÇÃO

O NEGeS foi fundado no IFMG campus Bambuí durante a pandemia, mais precisamente no final do ano de 2020, devido as seguintes observações: "Por que falamos de Feminismos e LGBTQIAP+ somente nos meses reservados a eles sendo que existimos o ano inteiro?" e "Sabe-se que a temática gênero e sexualidade vem ganhando cada vez mais espaços para discussão, principalmente nas mídias, mas será que onde vivemos há espaço para isso?".

A partir desses questionamentos fez-se um breve levantamento e verificou-se que tanto nas Instituições de Ensino quanto na cidade de Bambuí não há uma rede de apoio para diálogos, um espaço que possa auxiliar e estudar sobre direitos e deveres. Talvez por ser uma cidade pequena, Bambuí possui um pouco mais de 23 mil habitantes (IBGE, 2010), as pessoas tenham receio de se exporem para criar essa frente de luta, afinal todos se conhecem e o preconceito ainda é grande.

Assim iniciou-se os estudos sobre Gênero e Sexualidade observando que durante a história, diversas mudanças sociais incentivaram a quebra de paradigmas e influenciaram os modos e maneiras de como são vistos esses temas. Porém, o preconceito histórico perpetua e até os dias atuais promovem atos contra LGBTQIAP+ ficando o Brasil como um dos países com maior incidência de assassinatos e suicídios motivados por homofobia. A essa realidade soma-se a dificuldade de acesso ao mercado de trabalho em decorrência da baixa escolaridade e qualificação técnica, que resultam do preconceito e da discriminação impostos a estas parcelas da população.

A trajetória de ações afirmativas voltadas para o respeito e inclusão da diversidade sexual é recente no Brasil e surge da necessidade de afirmação dos direitos LGBTQIAP+ baseadas na Declaração Universal dos Direitos Humanos onde “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos” e “Todas as pessoas têm direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.” (ONU, 1948).

Diante desse cenário viu-se a necessidade e possibilidade de desenvolvimento do NEGeS, um local que engloba as comunidades do IFMG campus Bambuí e da cidade de Bambuí em prol de um mesmo objetivo: construir uma rede de apoio para a população LGBTQIAP+ que dê voz e

vez a esse público e proporcione diálogo, estudo dos seus direitos e deveres, conhecimento de ações dessa população em outras cidades, oportunidades de formação em cursos profissionalizantes e, por meio de ações cotidianas, minimizar a homo-lesbo-transfobia.

DESENVOLVIMENTO (FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA)

Sexo, sexualidade e Gênero: a população LGBTQIAP+

Constrangimentos e desrespeitos ocorrem, algumas vezes, pelo fato das pessoas não saberem a diferença entre sexo, sexualidade e gênero. Embora muitos autores utilizam os termos sexo e gênero como sinônimo, não são. Sucintamente: sexo é a marca biológica, hereditária e diz respeito às características biológicas da pessoa, como a genitália. Sexualidade se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas podendo influenciar pensamentos, sentimentos, ações. Gênero tem como objetivo diferenciar a dimensão biológica da social, significando que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos (GÊNERO, 2009, p. 43 e 112). Há pessoas que se identificam com o gênero masculino, outras com gênero feminino, e outras com nenhum dos gêneros (não-binárias).

Identidade e Expressão de Gênero corroboram para entender a composição da sigla LGBT, que representa a união das minorias sociais discriminadas por questões de gênero e sexualidade. Alguns grupos reivindicam a mudança dessa sigla, porém isso ainda não houve oficialmente. Outras variações são usadas, como o caso nesse relato da sigla LGBTQIAP+.

Violências homofóbicas, lesbofóbicas e transfóbicas

Atos de violência homo-lesbo-transfóbica têm sido relatados e vão da intimidação psicológica até a agressão física, tortura, sequestros e assassinatos seletivos. A violência sexual também tem sido divulgada e chamada de violência “corretiva”, sob o pretexto de tentar “curar” suas vítimas da homossexualidade (BRASIL, 2016).

Em 2019, 329 LGBTQ+ tiveram morte violenta (homicídios e suicídios) no Brasil, vítimas da homotransfobia, o que confirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais (GRUPO GAY DA BAHIA, 2020). Quanto a violência, a cada uma hora um LGBTQ é agredido no Brasil (PINTO *et al*, 2020). Durante o período de pandemia, 70% das LGBTQ+ cumprindo isolamento social junto a familiares acabaram sendo vítimas de algum tipo de violência, sem ter a quem recorrer com medo de expulsão ou agravamento da situação de violência (ANTRA, 2020).

Direitos humanos e política pública

O enfrentamento da LGBTQfobia requer uma atuação transversal e apesar de ainda faltar muito para que essa população tenha seus direitos assegurados no Brasil, alguns avanços são observados, como retirada da homossexualidade como desvios e transtornos sexuais da CID, autorização do uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal e o veto de toda e qualquer tentativa de um psicólogo, psiquiatra ou médico de “curar” ou “tratar” o paciente homo ou bissexual.

Em classes sociais como as sociedades marcadas pela exclusão social e desigualdades, como o movimento LGBTQIAP+, é preciso que saibam dos seus direitos para garanti-los perante as políticas públicas (ações importantes para mudar a realidade de um escopo social, buscando, entre outras coisas, a promoção de igualdade, justiça social e democracia).

Ações desenvolvidas pelo NGeS

Como um dos objetivos do NGeS é construir uma rede de apoio para a população LGBTQIAP+ é de extrema importância, até por uma questão de respeito, que os membros do núcleo tenham conhecimento acerca do histórico, definições e termos a serem utilizados com o público-alvo. Assim, a primeira ação do NGeS foi uma reunião, via plataforma *google meet*, com a temática “O que é gênero e sexualidade?” realizada com a palestrante Vinícius Carvalho doutoranda em Educação, Conhecimento e Inclusão Social pela UFMG. À partir das discussões dessa temática outras reuniões foram realizadas apenas com os membros, estudando-se a “Cultura LGBTQIAP+” e o histórico do *campus* Bambuí diante assuntos relacionados à ações afirmativas LGBTQIAP+.

Em dezembro de 2020 criou-se a rede social do NEGeS, o @neges.ifmg, cujo objetivo foi publicizar o grupo e levar conhecimento para a população. Desde então, estão sendo publicadas dicas de cultura, campanhas, datas importantes, oportunidades de estudos, e outros.

No dia 29 de janeiro de 2021, para comemoração ao Dia da Visibilidade Trans, foi realizada a primeira publicação nas redes do campus Bambuí intitulada “Conscientização sobre a violência contra a população Trans no Brasil”. Neste mesmo dia, iniciou-se os trabalhos abrangendo a comunidade externa ao campus, ocorrendo a primeira roda de conversa “A Educação pelo olhar Trans”, tendo como palestrantes: Otto Silveira professor particular e estudante/UFLA; Kesley Carvalho mulher trans, mestra em Educação/UFLA e professora nas redes pública e privada; Theodoro Gomes estudante/UFLA; e Maria M. Ramessés, mulher trans, negra, beneficiária do sistema de cotas e REUNI e graduanda/UFLA. A roda de conversa foi transmitida pelo canal TV IFMG *campus* Bambuí com a contribuição do CAMAT da UFLA.

As reuniões apenas com os membros internos prosseguiram e em abril, observando a data de 17 de maio, iniciou-se as discussões para dar visibilidade ao “Dia Internacional de Luta Contra a Homofobia, Transfobia e Bifobia”. Optou-se por realizar o evento de maio via *google meet*, para que todas(es/os) participantes pudessem interagir. Para tentar manter a sala de reuniões mais seguro possível, foram realizadas inscrições por meio de um formulário. À partir desse cadastro, foi possível identificar quem eram as pessoas interessadas. A palestrante foi a professora Paula Inácio Coelho do Instituto Federal Sul de Minas Gerais campus Inconfidentes que forneceu um material para envio aos inscritos possibilitando a leitura antecipada e uma maior discussão durante a reunião. Assim, no dia 18 de maio de 2021, houve a reunião “Gênero e Sexualidade na História: um bate-papo”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A reunião “O que é gênero e sexualidade?” iniciou-se nos fatos históricos chegando até às problemáticas atuais. Ao longo da reunião, percebeu-se como o preconceito, abuso, falta de conhecimento e exploração são históricos e enraizados em uma cultura binária cis. O emprego do gênero neutro em respeito a não-binaridade também foi discutido. A palestrante apresentou a grandiosidade de conceitos e entendimentos acerca das palavras gênero e sexualidade fazendo com que os participantes percebessem a imensidão do tema.

Como resultado do levantamento de ações relacionadas ao tema no campus Bambuí, observou-se que tais assuntos foram abordados apenas no mês específico e sofrendo ataques preconceituosos, além de pouquíssimas publicações nos meios de comunicação do campus. Nos eventos locais e regionais, não foi observada a representatividade. Ou seja, é como se a homolesbo-transfobia, falta de apoio e outros problemas decorrentes dessa exclusão acontecessem somente em um ou dois meses do ano. Essa reunião permitiu vislumbrar um longo caminho de atividades necessárias a serem colocadas em prática, iniciando por apresentar à população em geral o NEGeS. Assim foi criada a rede social que possui hoje 154 seguidores, número ainda baixo, mas expressivo para um núcleo de estudos recém criado com uma temática ainda muito desrespeitada e agredida.

A roda de conversa “A Educação pelo olhar Trans” contou com a participação de palestrantes com conhecimento de fala grandioso contando suas vivências no ambiente escolar. Foi um evento rico de conhecimentos onde os expectadores vislumbraram relatos de pessoas trans sobre assuntos que, para muitos, é considerado rotineiro e sem importância. Por exemplo, quando perguntados sobre pertencimento e acolhimento pelas escola, respostas como “não ter um banheiro que pudessem usar sem serem criticados ou constrangidos”, trazem uma grande reflexão do quanto ainda a população trans é tolhida de direitos básicos. A questão do direito ao uso do nome social no âmbito da administração pública federal também foi debatida, pois esse fato contribui para propagar o respeito e minimizar estatísticas de violência e abandono da escola em função de *bullying*, assédio, constrangimento e preconceitos. Essa discussão sobre nome social e identidade de gênero possibilitou entender que o não cumprimento desse direito interfere negativamente nas políticas públicas. Também debateu-se a política afirmativa de cotas em Universidades para a população trans e a importância dessa vislumbrando o baixo número de concludentes do ensino médio. O público acompanhando ao vivo chegou a 25 pessoas, ainda são números baixos, mas expressivo para a atual realidade.

O evento intitulado “Gênero e Sexualidade na História: um bate-papo” contou com a presença de estudantes do campus Bambuí e campus Inconfidentes, bem como, pessoas da comunidade de Bambuí e de outras cidades que não são estudantes. Aqui percebeu-se que o NEGeS está começando a alcançar o público-alvo externo. Foi um evento totalmente diferente quando comparado à roda de conversa, apesar de ter sido também extremamente rico em conteúdo, pois a palestrante iniciou com movimentos feministas, perpassando pela história das feministas anglo-saxãs que iniciaram a diferenciação entre gênero e sexo, culminando em um debate sobre desconstrução e pluralismo dos gêneros. Porém, houve espaço para dúvidas e relatos que foram acolhidos sem serem julgados. O público na sala foi de 20 pessoas que difundirão o conhecimento obtido nessa reunião, divulgarão o núcleo por ter sido uma reunião acolhedora e, alguns deles já começaram a fazer parte do mesmo. Foi um evento muito importante, pois demonstrou que o núcleo está caminhando conforme planejado no início da sua criação.

Na figura abaixo estão apresentadas as imagens da página do NEGeS e os folders utilizados para a divulgação da roda de conversa e da reunião.

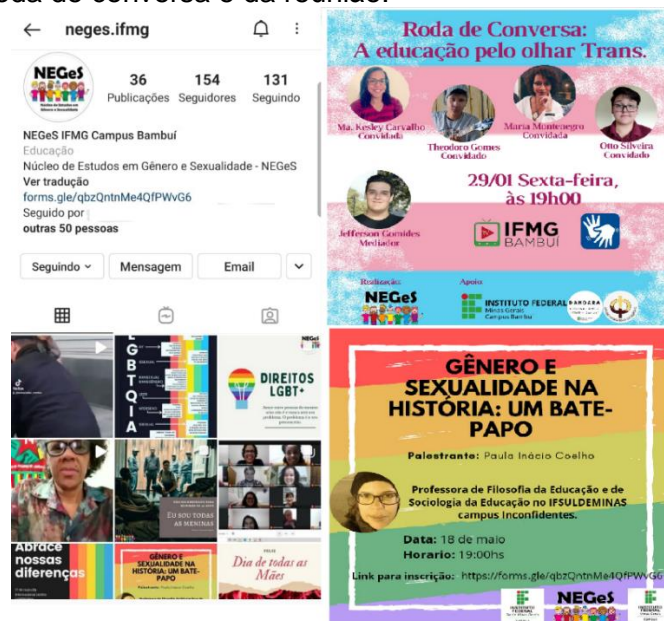


Figura 1. Página da rede social do NEGeS e folders utilizados para divulgação das reuniões.

O NEGeS teve seu primeiro projeto de extensão aprovado no Edital nº 11/2021-DIREC/IFMG Campus Bambuí - Edital de Extensão somando ao objetivo do núcleo oportunizar saúde, emprego e cursos profissionalizantes para a população LGBTQIAP+ da cidade de Bambuí/MG. Esse projeto iniciou-se em meados de junho com a participação de uma bolsista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANTRA. Associação Nacional de Travestis e Transexuais. **Assassinatos contra travestis e transexuais em 2020**. Boletim nº 03. Rio de Janeiro, 2020. Acesso em: 08 de jun. 2021.
- BRASIL. Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. **Relatório de Violência Homofóbica no Brasil**: ano 2013. Brasília, 2016.
- GÊNERO e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. **Livro de conteúdo**. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.
- IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 3 abr. 2021.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Acesso em 12 de jun. 2021.
- PINTO; I. V. et al. Perfil das notificações de violências em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Brasil, 2015 a 2017. **Rev. bras. epidemiol.** 23 (Supl 01), 2020. <https://doi.org/10.1590/1980-549720200006.supl.1>

Participação em Congressos, publicações e/ou pedidos de proteção intelectual:

Participação no 9º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária.